

A ordem dos anjos, segundo Tomás de Aquino

Prof. Dr. Paulo Faitanin¹

Resumo

O Papa São Pio X denominou S. Tomás de Aquino, num *Motu proprio*, *Doctor Angelicus*. Neste mesmo texto, ele comparou a inteligência do Aquinate com a inteligência dos Anjos. De fato, esse título está de acordo com Tomás, porque encontramos em sua obra, em muitos lugares, o tema das substâncias separadas. Pretende-se, neste artigo, apresentar uma breve análise da sua doutrina sobre os anjos, especialmente, em relação aos temas da origem, natureza e ordem.

Palavras-chave: substâncias separadas, origem, natureza, faculdade, hierarquia.

Angels order, according to Thomas Aquinas

Abstract

Pope St. Pius X has denominated St. Thomas Aquinas, in a *Motu proprio*, *Doctor Angelicis*. In the same text he has compared the intelligence of Aquinas with the intelligence of Angels. In fact, this title it is according to Thomas, because we found in his Work, in many places, the subject of separate substances. The aim of this paper is to present a brief analysis of his teaching on angels, especially in relation to issues of origin, nature and order.

Key words: Separate substances, Origin, Nature, Power, Hierarchy.

Introdução

Existem os anjos? Qual é a sua origem? Qual é a sua natureza? Qual é a sua faculdade? Como se ordenam entre si? Essas perguntas podem ser respondidas com um único argumento consoante a uma filosofia materialista e relativista: porque não os vemos, eles não existem! Com uma única resposta pragmática e com fundamento numa filosofia que se distancia completamente da metafísica elimina-se a possibilidade de responder às demais questões. Como, pois, seria possível responder a essas questões conciliando a Metafísica com o dado de fé revelado, de um modo adequado, cuja razão não ouse duvidar por falta de coerência, mas por falta de fé? É nessa perspectiva que se pretende mostrar como Tomás de Aquino responde a cada uma dessas questões, conciliando fé e razão.

1 A origem e a duração dos anjos

Quase todas as palavras das Escrituras testificam a existência dos anjos². *Recorre-se à hermenêutica para interpretar a palavra 'céu' em Gn 1, 1 como referência à criação dos Anjos³. Sua origem, por criação, fica ainda mais evidente com o Evangelho e, por exemplo, com São Paulo em Cl 1, 16: "porque n'Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por Ele e para Ele". O testemunho da Escritura a respeito de sua origem é tão claro quanto à unanimidade da Tradição e do Magistério da Igreja⁴. Nessa mesma linha, Santo Tomás demonstra a sua existência espiritual, confirmando sua origem por criação⁵. Mesmo sendo puramente espiritual, ou seja, não possuindo matéria, nem estando submetido ao movimento e ao tempo, o Anjo, porque foi criado, não existiu desde sempre⁶. O Anjo, portanto, não é eterno, pois além de sua existência ter começado a partir de um instante, sua essência também não era, por si mesma, necessária⁷, mas efeito do amor, sabedoria, liberdade, bondade e poder divinos⁸.*

Os Anjos são eviternos⁹ porque não são nem eternos¹⁰, justamente porque foram criados e começaram a existir a partir de um momento, nem temporais, precisamente por serem de natureza puramente espiritual, sem nenhuma mescla com a matéria e por não estarem absolutamente sujeitos ao tempo¹¹. A criação de sua natureza não supôs a preexistência de uma matéria individual, comum ou universal¹² a toda criação, sobre a qual Deus operasse para produzi-la, senão que ela foi criada direta e imediatamente por Deus, do nada¹³. Isso significa que, antes da natureza angélica, nada existia semelhante a ela¹⁴. Contudo, sua origem não antecedeu necessariamente à criação das criaturas corporais¹⁵, embora isso não invalide interpretar¹⁶ que possam ter sido criadas antes das corpóreas, pois não implica contradição sustentar que o perfeito anteceda ontologicamente ao imperfeito¹⁷. Assim, Tomás subordina a origem do anjo à onipotência criadora de Deus, afastando a falsa doutrina de que eles teriam existido desde sem-

*pre ou que fossem capazes de criar ou gerar outro anjo ou qualquer outra natureza que lhes fosse inferior*¹⁸.

2 Natureza espiritual

*Segundo Tomás, cada anjo é uma criatura espiritual única diante de Deus, dotada de dons naturais que recebeu em sua criação, mas ainda assim é um ser criado, portanto, limitado*¹⁹, *apesar de ser imaterial, incorpóreo*²⁰, *imortal e incorruptível*²¹. Isso elimina qualquer tipo de composição com a matéria em sua natureza. Do mesmo modo, exclui-se da sua natureza qualquer propriedade que seja inerente ou dependa do corpo, como nutrir-se, respirar, locomover, descansar e gerar sexualmente unindo-se a outro corpo. Os que afirmam a corporeidade do Anjo se apoiam em interpretações equivocadas de certas passagens da Escritura como, por exemplo, da narração do Gênesis (6, 2 e 4) onde se diz que ‘os filhos de Deus’ tiveram relação carnal com as mulheres e geraram gigantes²². Também motivaria um erro de atribuição de corpo ao ser angélico uma equivocada interpretação do texto do Apóstolo (1 Cor. 11, 10: “Por isso, a mulher deve velar sua cabeça convenientemente, por causa dos anjos”), como se o estar descoberta constituísse uma tentação para os anjos. Aqui ‘anjos’ significam os ministros ou mensageiros de outras comunidades que ficariam escandalizados com penteados pouco pudicos. Muitas outras passagens, muito mal interpretadas, sugeriram a afirmação de que o anjo possuísse corpo²³. Essas referências motivaram a interpretação de que a natureza angélica fosse dotada de corpo, como ocorreu, por exemplo, com São Justino [†163]²⁴ ao sustentar que os demônios são filhos dos anjos decaídos: “Os anjos transgrediram e tiveram relações com mulheres e delas tiveram filhos, chamados demônios”²⁵. Ademais da Patrística, também na Escolástica, alguns sustentaram o mesmo, como São Boaventura [†1274], que afirmou haver certa corporeidade no anjo (II Sent. 23, 2, 1: II 317).

*Assim, pois, o Anjo, além ser de uma criatura puramente espiritual é também um ser pessoal, bom por natureza*²⁶, nominal-

mente conhecido por Deus²⁷. Um espírito subsistente que possui intelecto, vontade²⁸, liberdade²⁹, capaz de comunicar seu pensamento a outro anjo, por meio da sua vontade³⁰. Comunica-se com um outro, quando, por exemplo, um anjo superior fala ao inferior e o ilumina ou quando um inferior fala a um superior³¹ e aprende, ou mesmo quando um anjo fala a Deus, não para ensinar, mas para consultá-lo e admirá-lo³². A distância local em nada intervéem na comunicação entre os anjos³³. Assim sendo, não é necessário que um anjo inferior, quando fala a um superior, o ilumine com alguma verdade ou que a fala entre dois anjos seja conhecida por todos³⁴. O que um anjo comunicou a outro depois do seu sim ou do seu não à graça de Deus, também influiu na confirmação ou na queda de outros anjos, sobretudo daqueles que lhes eram subordinados. O Anjo, no instante posterior³⁵ à sua criação e com o auxílio da graça santificante inerente à sua natureza³⁶, pôde livremente converter-se ou não à bem-aventurança³⁷, que é a última perfeição alcançável pela sua natureza. O seu sim ou o seu ‘serviam’ confirmou imediatamente nele a graça santificante³⁸, tornando meritória a sua santificação³⁹, pela qual contemplou a glória, segundo seus dotes naturais recebidos em sua criação⁴⁰ e aumentou-lhe a sabedoria e a capacidade de amar⁴¹, incapacitando-o de pecar, em razão da presença do Amor⁴², mas sem a necessidade de que isso o fizesse aumentar ou progredir na bem-aventurança⁴³.

O ‘non serviam’, livre e voluntário do Anjo, que era superior a muitos outros⁴⁴, deu origem ao mal de culpa⁴⁵, cujo pecado induziu à queda de muitos⁴⁶ que lhe eram inferiores⁴⁷. Enraizado na soberba por não querer submeter-se a Deus naquilo que era devido, na inveja, por não conseguir que não existissem os santos⁴⁸ e entristecer-se diante do bem do homem e da grandeza de Deus⁴⁹, desejou ser semelhante a Deus por virtude própria e não por auxílio divino⁵⁰, ao mesmo tempo em que quis tomar para si aquilo que, para Deus, é o Seu bem mais precioso na criação: o homem, criado à imagem e semelhança de Seu Filho. Afastou-se da presença de Deus por causa da sua maldade. Isso privou seu intelecto da verdade, a qual de fato não quis conhecer⁵¹, e excluiu da sua vontade o bem. Converteu toda a sua inteligência à mentira e sua vontade obcecou-se plenamente no mal⁵².

Incapaz de amar, à semelhança do amor divino, embora ame desordenadamente a sua própria natureza⁵³, são-lhe imperativos, a partir de então, a dor, o ódio e a mentira, que o fazem contorcer-se por se voltar inteiramente ao que é contrário à sua natureza. Por causa disso, *padece* essas penas no inferno e elas se intensificam quando atormenta os que lá estão sob seu jugo ou quando, no mundo, *tenta* ou *possui* o homem ou ainda *infesta* os locais onde esse vive⁵⁴.

3 A faculdade angélica

O amor de Deus pela criatura produz nela um amor semelhante ao Seu. Com o seu '*serviam*', o anjo converteu todo seu *entender*, *querer* e *agir* para esse amor, mas, com o '*non serviam*', entronizou o ódio e tornou-se o maior adversário do amor. Todo anjo, seja bom ou mau, tem a capacidade de entender⁵⁵, querer⁵⁶, decidir e escolher⁵⁷ simultânea⁵⁸, direta, de uma única vez, definitiva⁵⁹ e perfeitamente⁶⁰, uma ou muitas coisas como elas são, sem sentir⁶¹, emocionar-se, abstrair⁶² ou raciocinar⁶³. Continuam possuindo essas capacidades, mas não mais com relação a Deus, pois os que O elegeram desde o início, converteram todas as suas potências para conhecer e amar a Deus, para permanecerem com Ele. Contudo, os que não O elegeram, afastaram-se com todas as suas capacidades d'Ele. Apesar disso, mesmo depois do *sim* e do *não*, uns e outros continuaram possuindo tais capacidades naturais com relação às coisas criadas, mas não de modo semelhante nem com a mesma finalidade, pois os bons as possuem em *perfeição* e as utilizam com a finalidade voltada para o bem, exercendo sua autonomia e sua liberdade para o realizarem, mas os maus as possuem com *limitações* e não as utilizam para fazerem o bem, senão o mal que desejam, embora não possam fazer todo o mal que desejam à revelia da permissão divina.

Entre os anjos bons, um é superior a outro segundo o conhecimento que possui mediante a iluminação recebida na origem ou mesmo depois dela, iluminação essa que o orienta para uma operação específica. Pode-se dizer que, entre os maus, um também é superior a outro com relação ao que recebeu na origem de sua criação. Quanto aos anjos, uns conhecem o universal, outros o particular⁶⁴. Por isso, o

anjo, mediante seu dom natural, é capaz de conhecer a si mesmo, outro anjo⁶⁵, a Deus⁶⁶, as coisas corporais⁶⁷, o homem, mas nem o bom nem o mau podem conhecer o futuro⁶⁸ e as intenções humanas⁶⁹. Mas há de advertir que o conhecimento de um anjo bom, naquilo que lhe é específico, difere do conhecimento de outro anjo bom. Do mesmo modo e por maior força de razão, o conhecimento do anjo bom difere do conhecimento do anjo mau e isso não só quanto ao grau, mas também quanto à intensidade, ao bem, à verdade e ao amor⁷⁰. Por isso, nem mesmo todos os anjos bons conhecem todos os mistérios da graça e do mesmo modo⁷¹, mas podem vir a conhecer⁷² num instante, o que desconheciam no outro⁷³.

Isso resume a faculdade do Anjo: amar, pois o amor é a síntese do entender a verdade, querer o bem e servir no bem. O anjo que, mediante sua faculdade, livremente entendeu, quis, aceitou, escolheu e decidiu-se pela verdade que lhe foi manifestada no instante da criação, foi confirmado no amor e no serviço a Deus num instante imediatamente posterior: *eis a bem-aventurança*. Mas o anjo que fez o contrário, que, decidida e livremente, afastou-se do amor e serviço a Deus, logo no instante depois de sua criação, caiu: *eis a queda*. Dada a perfeição da natureza do anjo, ele foi imediatamente capaz de decidir-se, desde o primeiro instante de sua criação, com uma decisão que o determinava para todo o sempre, mediante um único ato livre alicerçado sobre a perfeição de sua natureza, que o eximia da necessidade de vir a conhecer algo mais para fundamentar sua decisão autônoma de escolher amar ou não a Deus. Segundo essa decisão, o anjo bom torna-se livre no amor, enquanto o mau se resigna no ódio.

Contudo, mesmo o demônio, resignado no mal e no ódio, ele é incapaz de se ver totalmente livre do bem, do poder e do amor de Deus, pois, mesmo com tal contração no mal, não se apagou de sua natureza os selos da bondade, da verdade e do amor divinos dados a ele desde a sua criação. No entanto, nada disso selado em sua essência foi suficiente para que ele dissesse sim a Deus e fosse confirmada a sua natureza no instante posterior à sua criação. De fato, esse selo de amor não é suficiente para justificá-lo, como alguns afirmaram e ainda hoje afirmam ao sustentarem que os espíritos serão, no fim dos tempos, perdoados e estabelecidos na visão da glória divina⁷⁴. Ninguém é

perdoado se não há arrependimento, se não há o pedido de perdão e a confissão do pecado, que inclui o reconhecimento tácito do poder, da bondade, da glória e do amor de Deus. Ora, afirma-se que o demônio está resignado no ódio porque não pode mudar a decisão livre e consentida de ter-se voltado contra Deus. Essa decisão não colocou a sua natureza num estado de pecado, como ocorre no caso do homem, que, ao pecar, pode mudar a decisão de sua vontade e se voltar novamente para Deus, mediante o arrependimento e a confissão do pecado, senão que corrompeu própria e completamente a sua natureza, naquilo que poderia voltar-se para Deus. Por isso, o anjo mau não se encontra por natureza num estado de pecado reversível, mas possui a natureza irreversivelmente corrompida. Apesar de o homem, ainda nesta vida, poder voltar-se para Deus, corre o risco de, em não se emendando a tempo, resignar-se no pecado, como o demônio, e desperdiçar o tempo oportuno da misericórdia divina e do retorno a Deus: a vida. Nesse caso, como o anjo mau, deixa de encontrar-se em estado de pecado para possuir a natureza corrompida. Por isso, uma coisa é o estado de corrupção e o outro é a natureza já corrompida.

E isso diferencia a alma humana do espírito angélico, pois, no caso do espírito humano, o pecado colocou a sua natureza em estado de corrupção, como que parcialmente corrompida, mas não completamente; não em razão do mérito humano, mas pela bondade e misericórdia divinas, cuja perfeição da graça restabelece a natureza. Já no caso do demônio, o desamor instaurado corrompeu totalmente a sua natureza, por cujo ser, ele mesmo não quer voltar-se para Deus. Por isso, quanto à especulação de que o demônio voltará a tomar parte no Reino de Deus, pode-se responder dizendo que Deus, que o criou por livre amor, não o salvará sem o seu livre ato de amor. Mas se o próprio demônio não o quer, Deus não se obriga a fazê-lo, pois há também de esclarecer que Deus não tem a obrigação de salvá-lo, porque nada há que separe Seu amor de Sua misericórdia e justiça. E apesar de a natureza do anjo mau estar completamente corrompida pelo pecado quanto ao fim para o qual foi criada, o simples fato de que ele exista mostra-nos que, mesmo assim, manifesta-se o poder de Deus.

De fato, nem mesmo o selo de algum amor natural deixa de estar presente na sua natureza corrompida. Nem mesmo se pode dizer

que, nessa natureza corrompida, não se encontra o selo da verdade no intelecto do anjo mau, verdade outrora marcada no intelecto, na origem, com a criação de sua natureza⁷⁵. Por isso, o demônio não escolheu, sem conhecimento de causa, opor-se a Deus, pois ele o quis e também sabia que, ao se opor ao amor a Deus, se oporia também à verdade natural e ao amor. Por isso, há verdade e amor natural⁷⁶ no anjo mau, mas uma verdade que ele mesmo não admite e um amor natural desordenado por si mesmo, porque só ama e reconhece a verdade que se encontra nele, como se fossem virtudes próprias e só para si⁷⁷. Resignado em seu próprio amor de si, não ama a Deus mais do que a si mesmo⁷⁸, enquanto isso lhe causa a aversão a Deus⁷⁹ e a *contorção* sem fim em sua natureza: não querendo amar, traz ainda assim, em sua própria natureza corrompida, a marca indelével do amor que Deus tem por ela. Como isso pode justificar a possibilidade de uma restauração total de sua natureza sem a conversão, cuja total aversão a Deus a impossibilita? Não é Deus que não o quis, senão que foi ele mesmo que não quis a Deus. Por conseguinte, não é Deus que não o quer ou não o pode perdoar, pois é ele mesmo que não quer ser perdoado e salvo por Deus.

4 A ordem entre os anjos

Cada anjo é único e não há nenhum outro que se lhe assemelhe segundo sua perfeição, pois Deus criou, simultaneamente, uma multiplicidade de indivíduos especificamente únicos e diversos entre si⁸⁰. A única coisa comum entre os anjos é o fato de ser uma natureza espiritual subsistente, porque é diferente, em cada um, o constitutivo formal dessa natureza espiritual. Ora, o que constitui formalmente cada uma dessas naturezas subsistentes foi o que cada uma recebeu de iluminação divina no instante da sua criação. Deus criou a forma espiritual subsistente iluminando-a e a iluminou, criando-a. E nisso consiste a individuação do anjo: sua forma espiritual foi constituída subsistente mediante uma revelação divina única, um sopro único que a criou e simultaneamente a iluminou com uma semelhança de alguma perfeição divina, representada unicamente em sua natureza. A criação do anjo é uma revelação íntima de Deus ao universo, só superada pelo mistério

da encarnação, em que Deus se fez carne. Tantos anjos existem quantas são as perfeições divinas que Deus quis revelar ao criar essas formas espirituais, iluminando-as com perfeições. Por isso, seu número excede ao das criaturas corpóreas e, sendo único em espécie, assemelha-se mais à unidade da natureza divina. Cada espírito é obra única da criação divina, que vem a existir por um *sopro*, em que cada Anjo é selado por uma semelhança de uma perfeição única, que constituirá sua natureza como única e individual⁸¹. Portanto, o anjo é único e individualizado pelas perfeições espirituais que recebeu na criação ou que recebeu ou ainda recebe por ulterior iluminação, na qual se lhes infundiram outras graças.

A individualidade específica do anjo bem-aventurado o torna mais semelhante à unidade divina, em razão da unidade da verdade revelada e iluminada em sua natureza. Essa mesma individualidade específica auxilia na atuação de guarda individual de cada homem, segundo aquilo que cada homem necessita para alcançar a salvação. De fato, a individualidade humana exige uma guarda individual, pois seria sem sentido que o bem mais precioso da criação, o homem, por representar a modo de imagem e semelhança a perfeição do Filho do Homem, não fosse guardado cuidadosamente. Mas, com relação ao anjo caído, embora individual especificamente, constituindo um único indivíduo de sua espécie, por não ter sido confirmado em sua natureza, permaneceu apenas com a verdade natural recebida no instante de sua criação e, por essa razão, sua individualidade específica é inferior ao do anjo bom, não naquilo que é comum à natureza angélica, mas quanto àquilo de que carece por iluminação na confirmação de sua unidade e que o tornaria mais semelhante à unidade divina. Então, por ter escolhido afastar-se da máxima perfeição divina, ficou igualmente distante da unicidade divina e, também, avesso à individualidade humana. Mesmo reconhecendo-se que essa não é específica como a dele, a individualidade humana assemelha-se mais à unidade divina do que à unidade específica da natureza do anjo caído. Sua aversão à individualidade humana se dá por duas razões: primeiro porque lhe parece insustentável que tal criatura busque, por sua natureza, ser mais semelhante à unidade da natureza divina do que à unidade da natureza dele, o que revela o seu orgulho de pensar ser a sua unidade a referência da indi-

vidualidade humana; segundo, porque lhe é insuportável perceber (o que dá mostras de sua inveja) que, de certo modo, a natureza humana possui uma individualidade mais perfeita do que a dele, porque encerra toda a perfeição do universo criado: o espiritual e o corporal. Cabe, aqui, destacar porque a *possessão* consiste, particularmente, numa tentativa demoníaca de suplantar ou mesmo eximir toda a individualidade humana: espiritual e corporal.

A privação de uma coesão no ser de sua natureza faz com que o anjo caído não se ‘reconheça’ plenamente individual e distinto da natureza das coisas materiais que conhece, porque, ao converter-se a si mesmo e parcialmente reconhecer em si a natureza material das coisas criadas, tem as criaturas como algo que forma parte de sua própria natureza e, por isso, se reconhece nelas. De fato, ele considera que elas são suas e que as tem para si. Isso justifica a razão de o Anjo caído preferir vaguear no mundo corpóreo a ter que ir para o inferno, porque sua natureza, *disforme* em sua espiritualidade, não consegue, no inferno, manifestar-se individualmente. No mundo material, porém, ganha formas materiais ao *infestar* as coisas, *tentar* e até *possuir* individualmente o homem, com o intuito de também manifestar sua deformidade individual mediante a individualidade das coisas e do homem⁸². Isso não isenta e nem impede que haja rivalidade entre os próprios demônios que chegam a possuir um único e mesmo corpo humano, disputando ali uma morada. Como espíritos, os anjos se reconhecem naturalmente enquanto seres individuais, mas isso não os capacita saber, exceto, por iluminação ou permissão divina, qual perfeição espiritual individualiza cada anjo, diferenciando-os entre si. Sem reconhecer sua causa original nem o fim para o qual foi criado, o anjo mau vagueia com a sua individualidade disforme, sem rumo, sem ‘face’, pois não se dá a conhecer porque não se reconhece, querendo estar fora do seu ‘lugar’, porque não quer estar ali, querendo a posse do ‘tempo’ sem poder tê-lo, porque esse é a duração do mundo, mas isso não lhe pertence.

Cada anjo, por ser um ser espiritual individual capaz de subsistir em sua espiritualidade, é uma *pessoa*. Toma-se o nome *pessoa* para aplicá-lo ao anjo não com o mesmo sentido que se aplica a Deus e aos homens⁸³. Deus é pessoa porque é o sumo ser espiritual

necessário, subsistente por si mesmo. Mas o anjo é espiritual por criação e subsistente por participação de alguma perfeição espiritual que lhe foi concedida na criação. É por analogia (comparação) com o ser de Deus que se denomina o anjo como pessoa. Assim, aquilo que determina e justifica atribuir o nome pessoa ao espírito angélico é o fato de ser uma *criatura espiritual intelectual subsistente*. Ora, todo anjo, nesse aspecto, pode, igualmente, ser denominado *pessoa*, pelo simples fato de ser uma criatura espiritual subsistente. Entretanto, o fato de que todos os anjos possam ser denominados pela palavra ‘pessoa’ - nome que indica e identifica a dignidade de sua natureza, conforme a semelhança que ela representa com alguma perfeição divina - não significa que todos, igualmente, gozem da mesma *dignidade* de ser anjo e que lhes convenha com propriedade a atribuição e aplicação do nome pessoa, pois essa é mais adequadamente aplicada segundo o gozo ou não dessa dignidade, na medida da confirmação ou não da natureza angélica, quanto à justificação ou não da perfeição que representa em sua natureza a modo de alguma semelhança divina⁸⁴. Pode-se dizer que o demônio, por sua escolha e ação, é justamente a *dissolução* da dignidade da natureza angélica e, por conseguinte, do seu ser pessoal. Desse modo, só impropriamente lhe convém o nome pessoa.

Pois, bem, retornando ao tema da sua individualidade, isso posto, podemos então conceber que os anjos bons diferem entre si pelas perfeições espirituais individuais iluminadas que as suas respectivas naturezas recebem diretamente de Deus ou de outros anjos bons que lhes são superiores. Sendo assim, mediante a diversidade de indivíduos angélicos, específicos em suas perfeições e de número superior ao das criaturas corporais⁸⁵, afirma-se uma multiplicidade ‘infinita’ de diversidade de graus de perfeição espiritual entre os anjos. E porque a iluminação divina segue a natureza do Seu Ser Uno e Trino, as diversas iluminações divinas que procedem de Deus para os anjos são distintas e procedem segundo uma diversidade de grau e intensidade em cada anjo que as recebe. Tais iluminações individualizam e distinguem os anjos entre si, segundo uma *hierarquia*, que se dá segundo certa *ordem* que parte de um princípio sagrado superior até um inferior, informando tudo quanto cada anjo precisa saber para, no seu ser, configurar-se

como pessoa e confirmar e justificar a sua natureza individual como serva de Deus.

Hierarquia é governo sagrado. Tudo que Deus cria, Ele santamente governa segundo a Sua sabedoria, imprimindo uma ordem na criação. As criaturas ordenam-se segundo a perfeição das suas respectivas naturezas. As naturezas criadas representam três graus de perfeição, conforme se assemelhem mais à Unidade da Trindade. De modo que em tudo está representada, segundo certo grau, alguma perfeição da Trindade. Dentre as criaturas espirituais, as que mais se assemelham à natureza divina são os anjos. Nesse aspecto, assim como na unicidade da natureza divina, distinguem-se três Pessoas, por cujas ações as criaturas espirituais são *purificadas, iluminadas e aperfeiçoadas*, pode-se também estabelecer, com relação a isso, três hierarquias angélicas, distintas entre si enquanto são observadas as perfeições de suas respectivas naturezas, constituídas segundo três graus de conhecimento que recebem da Trindade: uma perfeição que *purifica*, outra que *ilumina* e outra ainda que *aperfeiçoa*⁸⁶.

Assim, tem-se: *Primeira hierarquia*, mais próxima e relativa aos segredos de Deus e por isso é a hierarquia superior que recebe a iluminação divina, conhecendo-a no próprio Deus e na caridade; *Segunda hierarquia*, relativa ao governo e direção divinos, denominada hierarquia média, recebe a iluminação divina relativa às coisas mais universais, ordenando-as na esperança; e a *Terceira hierarquia*, relativa à execução dos ofícios e atividades divinas, conhecida como hierarquia inferior, e que recebe a iluminação divina em sua determinação e efeitos particulares, executando-a na fé⁸⁷. *A própria razão de hierarquia requer a diversidade de ordens* de acordo com os diferentes ofícios e atividades de cada natureza pertencente a uma hierarquia, em que uma é superior, outra é média e outra inferior⁸⁸. Por isso, uma ordem angélica é uma multidão de espíritos celestes que se assemelham em virtude de alguma perfeição, graça recebida e a comum participação nos dons naturais⁸⁹. Cada ordem é denominada de acordo com as suas propriedades, ou seja, em razão das suas perfeições próprias⁹⁰. Esses graus de perfeição que distinguem as ordens entre si, dentro de cada hierarquia, estão suficientemente justificados se sempre tiverem em conta a ordem

Trinitária impressa em toda a criação, da qual as perfeições espirituais angélicas são similitudes⁹¹.

Sendo tal perfeição o que, na raiz, estabelece a própria natureza angélica e a coloca numa ordem, a ordem em que cada anjo se encontra permanece⁹². O que justifica um anjo não poder mudar de uma ordem para outra, não impedindo, porém, que um anjo inferior seja servido por um superior em razão da dignidade do ofício que lhe designa Deus por iluminação, como no caso do Arcanjo, que anuncia tão sublime acontecimento. Em cada ordem, há uma diversidade de anjos⁹³, e todos têm em comum algo que os une à mesma ordem, mas têm de distinto, além de suas individualidades específicas, as verdades iluminadas que possuem e que os distinguem no interior da ordem em três categorias de anjos: os *primeiros*, os *intermediários* e os *últimos*⁹⁴. *A hierarquia celeste assim se estabelece*: Todo o Coro Angélico se divide em três hierarquias. A Primeira Hierarquia se divide em três ordens: 1ª Ordem, a dos *Serafins* (ardor caritativo: imagem do amor divino); 2ª Ordem, a dos *Querubins* (plenitude de ciência: imagem da sabedoria divina) e a 3ª Ordem, a dos *Tronos* (assento de Deus: compreendem o juízo divino). A Segunda Hierarquia se divide em três ordens: 1ª Ordem, *Dominação* (governo dos próprios anjos: domina e distingue o que fazer); 2ª Ordem, *Virtude* (executa a ordem da dominação com relação à natureza física) e a 3ª Ordem, *Potestade* (ocupa-se do combate aos anjos caídos). A Terceira Hierarquia também se divide em três ordens: 1ª Ordem, *Principado* (guia na execução dos atos e dirigem os destinos das nações); 2ª Ordem, *Arcanjo* (anuncia importantes missões aos homens e guarda as pessoas que desempenham importantes funções para a glória de Deus, como o Papa, bispos e sacerdotes) e a 3ª Ordem, *Anjo* (anuncia, comunica e protege individualmente cada homem)⁹⁵. Esta é a ordem hierárquica dos anjos estabelecida em relação à perfeição da glória e ao que a natureza tem e recebeu na origem de sua criação.

Conclusão

Segundo Tomás, o que denota a existência de algo não é meramente a materialidade, pois o conceito que está no intelecto exis-

te sem nenhuma materialidade. Não se pretendeu demonstrar a existência do anjo, mas expor o modo como Tomás a explica a partir da conciliação entre fé e razão. Desse modo, para Tomás, a existência dos anjos é um artigo de fé, mas nem por isso a razão se exime de investigar como uma substância separada não pode ter existido desde sempre, ainda que ela seja espiritual e possua, mediante suas faculdades, poderes que excedam à capacidade humana. Talvez o mais chamativo dessa exposição seja a afirmação de que cada anjo esgota a sua espécie, no que se refere à sua individualidade. Como base se conjuga o elemento da metafísica com o da lógica aristotélica que passam o tempo e chegam para Avicena, que, por meio dos quais, argumenta e afirma a individualidade específica do anjo, como testemunha o próprio Aquinate. Enfim, Tomás depende da tradição, mas inova em sua investigação ao não distanciar o discurso da razão do dado de fé. E nisso reside a sua grande originalidade, o que justifica ser denominado Doutor Angélico.

Notas

- ¹ Professor da Universidade Federal Fluminense.
- ² GREGÓRIO MAGNO, São. *Homil. 34 in Evang.* n. 7 [PL 76, 1249].
- ³ AGOSTINHO, Santo. *De civitate Dei*, XI, c. 9, 33 [PL 41, 323, 346-347].
- ⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Catequeses sobre os Anjos*. Cat. 1 (*L'Osservatore Romano*, 13/07/1986).
- ⁵ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q. 61, a. 1, c; *Cth.* 1, c. 70, n. 121-122. Tomás apresenta um resumo da doutrina católica em: *De substantiis separatis*, c. 17.
- ⁶ *Idem*, *STh.* I, q. 61, a. 2, c.
- ⁷ *Idem*, *CG.* 2, c. 23.
- ⁸ *Idem*, *CG.* 2, c. 24.
- ⁹ A palavra 'eviterno' significa ser eterno por participação, não por natureza..
- ¹⁰ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q. 61, a. 2, *sed contra*.
- ¹¹ O anjo não pertence e nem se limita ao tempo, mas pode atuar no tempo em razão da sua operação referir-se ao homem.
- ¹² AQUINO, Tomás de. *De substantiis separatis*, c. 7.
- ¹³ *Idem*, *De Pot.*, q. 3, a. 18, c.
- ¹⁴ *Idem*, *STh.* I, q. 61, a. 2, c.
- ¹⁵ *Idem*, *STh.* I, q. 61, a. 3, c.
- ¹⁶ GREGÓRIO DE NAZIANZENO, São. *Oratio trigesima octava In Theophania sive Natalicia Salvatoris*. n. 9 [PG 36, 320D].

- ¹⁷ AQUINO, Tomás de. *De Pot.*, q. 3, a. 19, c.
- ¹⁸ *Idem*, *De substantiis separatis*, c. 9.
- ¹⁹ O seu conhecimento não é a sua substância [*STh.* I, q.54, a.1, c.] e nem mesmo quando olha para a sua substância conhece todas as coisas [*STh.* I, q.55, a.1, c.]. De igual modo, seu saber não é a sua essência [*STh.* I, q.54, a.3, c.] e nem o seu existir é o que resulta do seu conhecimento [*STh.* I, q.54, a.2, c.]. Contudo, seu limite de saber se estende para além das fronteiras do que poderíamos naturalmente conhecer com toda a força natural do nosso ser ao longo da nossa vida.
- ²⁰ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q.50, a.1, c. Santo Agostinho atribuiu-lhe um corpo sutil: *Sermão* 12, c. 9, n° 9 [PL, 38, 104].
- ²¹ *Idem*, *STh.* I, q.50, a.5, c.
- ²² Tomás de Aquino (*STh.* I, q.51, a.3, ad 6) sustenta que parece mais crível que se trate das uniões conjugais entre os descendentes da raça eleita, os filhos de Deus, com as mulheres da raça de Caim, as filhas dos homens; uniões que os levaram à mais profunda corrupção.
- ²³ Alguns exemplos: No *Salmo* 103, 4, segundo a Vulgata, diz-se: “Fazei Espíritos os teus anjos e aos teus mensageiros fogo abrasador”. Interpretando tal passagem concluíam que os anjos teriam natureza ígnea, portanto corpórea. Mas a versão hebraica não menciona nem a palavra anjo nem a palavra espírito, mas o vento como mensageiros e o fogo como ministros. No *Salmo* 77, 25 segundo a Vulgata se diz, referindo-se ao maná: “O homem comeu o pão dos anjos”. Alguns acreditaram que os anjos comiam pão, o que os levou a concluir que eles teriam corpos. Esta expressão alude ao modo como os hebreus recebiam o maná descido do céu, onde os anjos assistem a Deus. Em 1Cor. 15, 40 São Paulo diz: “Há corpos celestes e corpos terrestres, mas o brilho dos corpos celestes é diferente do brilho dos terrestres”. Interpretaram *corpos celestes* como corpos dos anjos e não como *astros*. Mais adiante em 1 Cor. 15, 41 o próprio Apóstolo faz menção ao sol como corpo celeste. Tratou-se, pois, de uma equívoca interpretação da palavra ‘corpo celeste’.
- ²⁴ Justino, filósofo e mártir, apologeta do séc. II. Nasceu em *Flavia Neapolis*, a atual *Nablus*, na Palestina. Obras fundamentais: *Apologias* e *Diálogo com Trifão*. O tema central de Justino é o plano criador e salvífico de Deus, manifestado pelo Cristo-Logos. Atenágoras, filósofo do séc. II, escreveu entre os anos 176 e 180, uma apologia dos cristãos, dirigida aos imperadores Marco Aurélio e Cômodo, intitulada *Presbeia* (oração, súplica).
- ²⁵ JUSTINO, *II Apol.* 5, 3.
- ²⁶ O diabo não se tornou mau no mesmo instante de sua criação, pois, depois de criar as coisas, Deus disse que todas eram muito boas: *STh.* I, q.63, a.5, c. Assim, o anjo caído não é mau por natureza, pois seria contraditório que o sumo bem criasse algo substancialmente mau. Portanto, mesmo o anjo danado possui sua natureza, enquanto obra produzida por Deus, como algo bom: *STh.* I, q.63, a.4, c.

- ²⁷ As Sagradas Escrituras nos dão a conhecer alguns nomes de ordens (*Serafins; Querubins; Tronos; Dominação; Virtude; Potestade; Principado; Arcanjo; Anjo*) e nomes pessoais (Miguel: ‘Quem como Deus?’; Gabriel: ‘Poder de Deus’ e Rafael: ‘Deus cura’).
- ²⁸ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q.54, a.5, c.
- ²⁹ *Idem.* *STh.* I, q.59, a.3, c.
- ³⁰ *Idem.* *STh.* I, q.107, a.1, c.
- ³¹ *Idem.* *STh.* I, q.107, a.2, c.
- ³² *Idem.* *STh.* I, q.107, a.3, c.
- ³³ *Idem.* *STh.* I, q.107, a.4, c.
- ³⁴ *Idem.* *STh.* I, q.107, a.5, c.
- ³⁵ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.6, c. *Houve, portanto, um espaço de tempo entre a criação e a queda do anjo. Se não fosse assim, alguns Anjos não se teriam afastado de Deus depois de sua criação: STh.* I, q.62, a.1, c.
- ³⁶ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q.62, a.2, c. *Como sustenta Tomás, não diferente à ordem de toda criatura espiritual que depende do seu criador para aperfeiçoar sua natureza, o anjo também necessitou da graça para converter-se a Deus e tornar-se bem-aventurado.*
- ³⁷ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.3, c.
- ³⁸ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.5, c.
- ³⁹ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.4, c.
- ⁴⁰ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.6, c.
- ⁴¹ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.7, c.
- ⁴² *Idem.* *STh.* I, q.62, a.8, c.
- ⁴³ *Idem.* *STh.* I, q.62, a.9, c.
- ⁴⁴ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.7, c.
- ⁴⁵ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.1, c.
- ⁴⁶ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.9, c. *Mas o número dos que pecaram não é igual ao número dos que não pecaram, senão muito menor:*
- ⁴⁷ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.8, c.
- ⁴⁸ *Idem.* *STh.* I, q.64, a.3, c.
- ⁴⁹ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.2, c.
- ⁵⁰ *Idem.* *STh.* I, q.63, a.3, c.
- ⁵¹ *Idem.* *STh.* I, q.58, a.5, c.
- ⁵² *Idem.* *STh.* I, q.64, a.2, c.
- ⁵³ *Idem.* *STh.* I, q.64, a.1, c.
- ⁵⁴ *Idem.* *STh.* I, q.64, a.4, c.
- ⁵⁵ *Idem.* *STh.* I, q.54, a.4, c. *Não há no anjo um intelecto que contenha, como em nós, duas funções: um intelecto com a função capaz de apreender o conhecimento e outro intelecto com a capacidade de entender o apreendido.*
- ⁵⁶ *Idem.* *STh.* I, q.59, a.1, c.
- ⁵⁷ *Idem.* *STh.* I, q.59, a.3, c.

- ⁵⁸ *Idem. STh. I, q.58, a.2, c.*
- ⁵⁹ *Idem. STh. I, q.62, a.7, c.* Os anjos entendem, querem e escolhem a partir do que lhes emergem interiormente. Assim sendo, por um único ato do entendimento e do querer, o anjo é capaz de escolher e operar. Disso se segue que, com relação à bem-aventurança, cada anjo operou segundo a sua capacidade natural, baseando-se no que sabia de si mesmo, do que Deus lhe revelara acerca da Sua divindade e do que lhe fora dado saber acerca das demais realidades. Não havendo o que pudesse fazer protelar ou mudar, seu entendimento, vontade, escolha e ação, cada decisão foi única, definitiva e irrevogável, porque permanece para sempre. O mesmo se diz do anjo mau, por cuja eleição livre, não pode mais voltar ao bem, depois do pecado: *De Malo*, q. 16, a. 5, c.
- ⁶⁰ *Idem. STh. I, q.58, a.1, c.*
- ⁶¹ *Idem. STh. I, q.54, a.5, c.* Neste aspecto, tudo o que ele conhece é pelo intelecto, pois em nada depende das sensações ou imaginações, por não possuir corpo.
- ⁶² *Idem. STh. I, q.55, a.2, c.*
- ⁶³ *Idem. STh. I, q.58, a.3, c.* Ele não precisa induzir, deduzir, compor, dividir: *STh. I, q.58, a.4, c.*
- ⁶⁴ *Idem. STh. I, q.55, a.3, c.*
- ⁶⁵ *Idem. STh. I, q.56, a.2, c.*
- ⁶⁶ *Idem. STh. I, q.56, a.3, c.*
- ⁶⁷ *Idem. STh. I, q.57, a.2, c.* Os anjos, pelas espécies que lhes infunde Deus, podem conhecer de um modo mais perfeito do que o intelecto do homem: *STh. I, q.57, a.1, c.*
- ⁶⁸ *Idem. STh. I, q.57, a.3, c.* Exceto se lhe ilumina a mente divina acerca do que deverá vir. O demônio fingiu poder conhecer o futuro para ludibriar o homem e fazer-lhe crer que tem tal poder. Na realidade, conhece a causalidade material do mundo melhor do que o homem, por isso infere seus efeitos como se fosse uma previsão do futuro.
- ⁶⁹ *Idem. STh. I, q.57, a.4, c.* O anjo mau pode enganar o homem fazendo-lhe crer que conhece, mas não conhecendo. Com efeito, como as intenções se traduzem em ações, pelo movimento do corpo, dos sentidos, ele pode antecipar qual será o efeito antes mesmo que o homem aja. Do mesmo modo, pode agir influenciando com imagens a fim de que o homem realize sua intenção, mesmo sem a conhecer. E isso pode fazer tanto o anjo bom quanto o mau, mas com finalidades distintas.
- ⁷⁰ *Idem. STh. I, q.56, a.1, c.*
- ⁷¹ *Idem. STh. I, q.57, a.5, c.*
- ⁷² *Idem. STh. I, q.58, a.7, c.*
- ⁷³ *Idem. STh. I, q.58, a.6, c.*
- ⁷⁴ ORÍGENES. *De Principiis*. II, 10, 8. Nesse momento, denominado “apocatástase”, também se incluíam os homens condenados.

- ⁷⁵ AQUINO, Tomás de. *STh.* I, q.60, a.1, c.
- ⁷⁶ *Idem.* *STh.* I, q.60, a.2, c.
- ⁷⁷ *Idem.* *STh.* I, q.60, a.4, c. Não há ódio de São Miguel contra Satanás, mas sim um amor natural. Mas, em razão de sua limitação, o anjo mau não ama com amor natural, senão a si mesmo.
- ⁷⁸ *Idem.* *STh.* I, q.60, a.5, c.
- ⁷⁹ *Idem.* *STh.* I, q.60, a.3, c.
- ⁸⁰ *Idem.* *De ente et ess.* c. 3. Se todos os indivíduos humanos pertencem a uma mesma espécie, a saber, a espécie humana, e se distinguem apenas por suas diferenças individuais, como Pedro se distingue de João pelo peso, tamanho, altura *etc.*, cada anjo é único em sua espécie, ou seja, ele é o único indivíduo de sua espécie e se distingue de outro pela espécie e não mediante as diferenças individuais.
- ⁸¹ *Idem.* *De substantiis separatis*, c. 12. Tomás refuta a doutrina de Orígenes (*Periarchon*, I, c. 8) de que Deus criou todas as substâncias espirituais iguais.
- ⁸² *Idem.* *STh.* I, q.114, a.1, c.
- ⁸³ *Idem.* *De Pot.*, q. 9, a. 4, c. E o homem diz-se pessoa por ser uma substância individual (composta de corpo e alma) de natureza racional.
- ⁸⁴ Isso não é difícil de entender se pensar que, com o ser humano, também é assim, pois todos os homens, bons ou maus, são pessoas, mas nem todos gozam de modo igual da dignidade do ser pessoa. O mesmo ocorre com os anjos.
- ⁸⁵ *Idem.* *STh.* I, q.50, a.3, c.
- ⁸⁶ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.1, c.
- ⁸⁷ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.1, c; a.6, c.
- ⁸⁸ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.2, c.
- ⁸⁹ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.4, c.
- ⁹⁰ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.5, c.
- ⁹¹ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.6, c.
- ⁹² *Idem.* *STh.* I, q.108, a.7, c.
- ⁹³ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.3, c.
- ⁹⁴ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.3, ad 1.
- ⁹⁵ *Idem.* *STh.* I, q.108, a.5 e a.6, c.

Referências

AMATO, A. Anjos. *In: Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde*. São Paulo: Paulus, 1999.

AQUINATIS, S. TH. *In: Aristotelis Librum De Anima*. Cura ac studio P.F.A.M. Pirotta. Taurini: Marietti, 1948.

_____. **In decem libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum expositio.** Editio Tertia. Cura et studio P.Fr.R. Spiazzi. Taurini: Marietti, 1964.

_____. **In Metaphysicam Aristotelis Commentaria.** Cura et studio P.Fr.M-R. Cathala. Taurini: Marietti, 1915.

_____. **In octo Physicorum Aristotelis expositio.** Cura et studio P.M. Maggiolo. Romae: Marietti, 1965.

_____. **Opuscula Philosophica.** Cura et studio P.Fr.R. Spiazzi. Romae: Marietti, 1954.

_____. **Quaestiones Disputatae.** P. Bazzi et alli. Romae: Marietti, 1965. vol. II.

_____. **Quaestiones Quodlibetales.** Cura et studio P.Fr.R. Spiazzi. Editio III revisa. Romae: Marietti, 1949.

_____. **De Substantiis Separatis:** sobre os anjos. Trad. de Luiz Astorga. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

_____. **Super Librum De Causis expositio.** Ed. H.D. Saffrey. Louvain: Éditions E. Nauwelaerts, 1954.

_____. **Suma teológica.** São Paulo: Edições Loyola, 2002. v. 2.

AQUINO, F. **Os anjos.** Lorena: Cléofas, 2000.

BALDUCCI, C. **O diabo:** vivo e atuante no mundo. São Paulo: Mir Editora, 2004.

BENOIT D'AZY, P. **Iniciación teológica I:** los ángeles. Barcelona: [s.n.], 1957.

CELESTINO, P. B. **Os anjos.** 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2004.

COLLINS, J. M. A. The thomistic philosophy of the angels. **Philosophical Studies**, Washington , v. 89, 1947.

FAITANIN, P. **A hierarquia celeste**: a angelologia de Santo Tomás de Aquino. Niterói: Instituto Aquinate, 2009. (Cadernos da Aquinate, n. 5.).

HUBER, G. **O diabo, hoje**. Trad. e notas de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1999.

JOÃO PAULO II. **Os Anjos**: sete catequeses do Santo Padre. São Paulo: Edição da Basílica, 1988.

LAURENTIN, R. **Le démon mythe ou réalité?** enseignement et expérience du Christ et de l'Église. [S.l.]: Fayard, 1995.

MACINTYRE, A. J. **Os anjos**: uma realidade admirável. 3 ed. Rio de Janeiro: Comunidade Emanuel, 1991.

SOLIMEO, P. M. **O livro dos três arcanjos**. São Paulo: Artpress, 1999.

TERRA, J. E. M. **Existem anjos?** São Paulo: Loyola, 1995;

TORRELL, J.-P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**: sua pessoa e obra. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Endereço para contato:

e-mail: pfaitanin@aquinate.net